

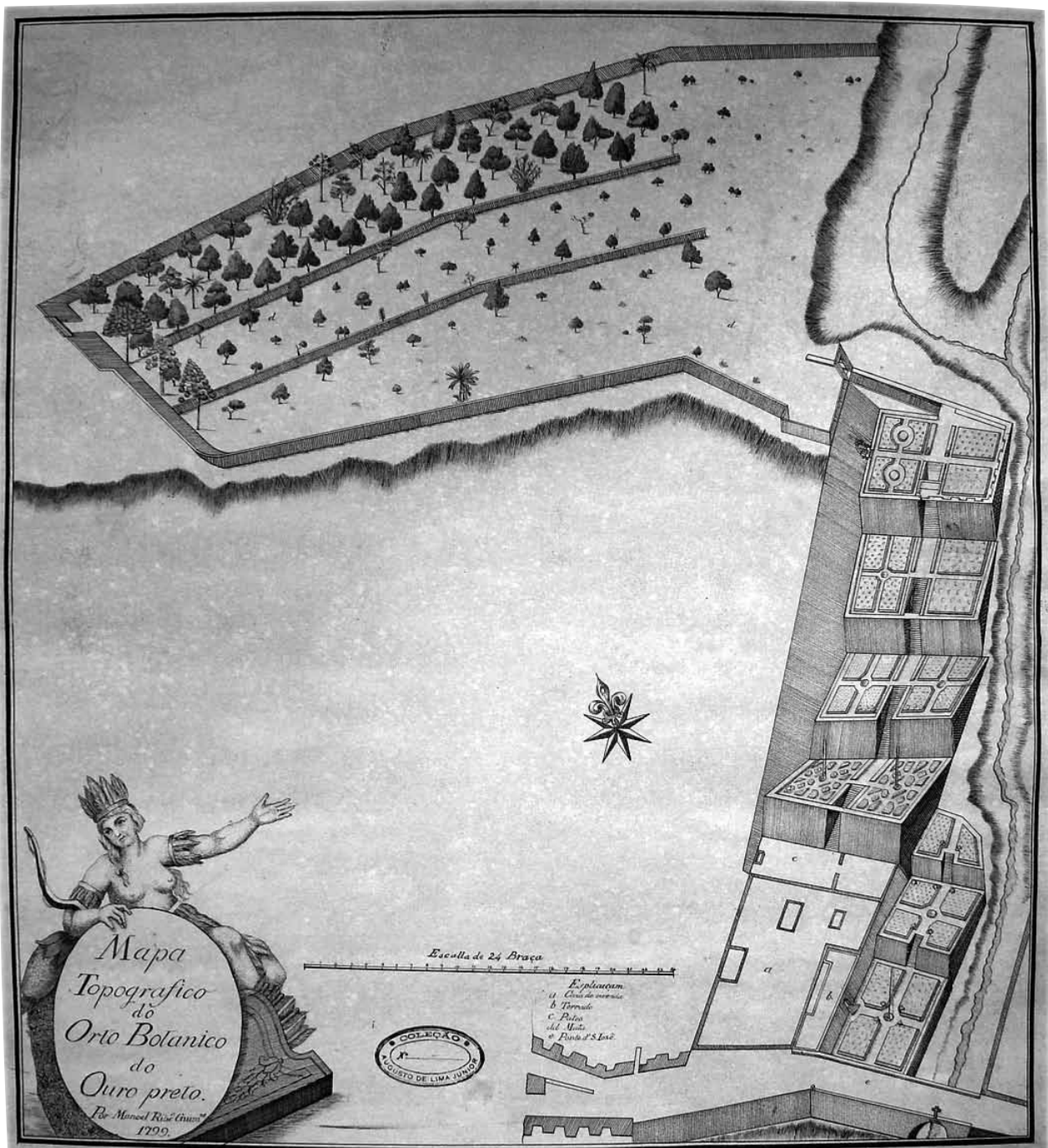


isto é inconfidência

BOLETIM INFORMATIVO DO MUSEU DA INCONFIDÊNCIA

ANO XI • Nº 23 • 2009

Mancha Verde em Ouro Preto



editorial

A Praça Tiradentes, situada no alto do Morro de Santa Quitéria, centro privilegiado de Ouro Preto, nunca foi um ponto de convivência da população. Na colônia, os dois grandes arraiais que avançaram até ali para compor a Vila, desde aquela época se apresentaram na condição de rivais, o grupo dos “mocotós” e o grupo dos “jacubas”, persistentes até hoje em cordial oposição, cada vez mais levada à conta de mera idiosincrasia local.

Com o aparecimento do Palácio dos Governadores, da Casa de Câmara e Cadeia e do Fórum, a praça se converteria em núcleo administrativo. Funcionaram lá, também, sem estabelecer raízes duradouras, a Igreja de Santa Rita e a Santa Casa. Naquele período, dominado pelo oficialismo de comando, sua função foi, quando muito, burocrática e de prestação de serviços sociais. À chegada de Tiradentes, a princípio com a Coluna Saldanha Marinho, depois com a atual estátua ocupando posição central, o Palácio já havia se tornado sede da Escola de Minas e Mineralogia. O Fórum, destruído por incêndio e reconstruído, passara a ser Diretório Acadêmico. A Casa de Câmara e Cadeia – reduzida a cárcere, com a mudança da Câmara para novo endereço, e mais tarde convertida em sede da penitenciária estadual –, iria daí a pouco se transformar em museu. Em que havia se transformado, então, a realidade da praça? Um espaço cívico e histórico, sustentado pela presença forte da efígie do Mártir da Inconfidência, que acabou lhe transferindo o próprio nome, e pelo Museu da Inconfidência, que deve ser entendido, em resumo, como o panteão onde se acham recolhidos os restos mortais dos heróis do movimento político de 1789.

É do conhecimento geral, a população de Ouro Preto só comparece à Praça Tiradentes para formar público para as celebrações do 21 de abril ou para assistir a grandes shows, quase sempre relacionados com acontecimentos políticos ou publicitários. E no seu dia a dia, o local vai sendo cada vez mais invadido pelo turista que chega desejando conhecer o patrimônio gerado pela antiga terra do ouro, atraído por propaganda que se expande no país e no exterior. Esse elemento alienígena, cuja presença deve ser desejada e por todos os meios estimulada, no entanto, é qualquer coisa de artificial que não chega a constituir um acrescentamento humano para o convívio local. Não é por outra razão que o parque formado pelo Horto Botânico e o Vale dos Contos está destinado a desempenhar relevante papel de arejamento das relações pessoais, proporcionando ambiente vocacionalmente propenso à tolerância e o convívio. Em contato com a natureza, fazendo uso de moderna infra-estrutura e dos serviços que são postos a sua disposição, os ouropretanos natos e os adotivos, que nascidos em outras terras a eles vieram se juntar, terão condições para se renovarem em sensibilidade e entrosamento. E poderão viver cada vez mais em conjunto a emoção de povo que não pára de atualizar o seu presente, mas são herdeiros de um passado comum de tradições gloriosas, motivo de justo orgulho para todos.

Capa:

MAPA TOPOGRÁFICO DO
HORTO BOTÂNICO DE OURO PRETO - 1799

isto é inconfidência

ANO XI • Nº 23 • 2009

Presidente da República

Luiz Inácio Lula da Silva

Ministro da Cultura

Juca Ferreira

Presidente do Instituto do Patrimônio

Histórico e Artístico Nacional

Luiz Fernando de Almeida

Departamento de Museus e Centros Culturais do IPHAN

José do Nascimento Júnior

Diretor do Museu da Inconfidência

Rui Mourão

Publicação do

MinC - IPHAN - Museu da Inconfidência

Praça Tiradentes, 139 • Cep 35400-000

Ouro Preto • Minas Gerais • Brasil

Fone fax (31) 3551 1121 e 3551 5233

inconfidencia@veloxmail.com.br

Tiragem:

1500 exemplares

Periodicidade:

Trimestral

Projeto Gráfico

Laís Freire dos Reis

Editor

Rui Mourão



Ministério
da Cultura



IPHAN

DEPARTAMENTO DE MUSEUS E CENTROS CULTURAIS

Um passo adiante transpondo a Rua Vereador Antônio Pereira, e o visitante é convidado a realizar uma viagem pelo tempo e pelo espaço. Tradições são revividas, histórias são recontadas, culturas próximas ou distantes são apresentadas de forma inovadora. Peças patrimoniais e gravuras refletem a criatividade, o talento de artistas brasileiros e estrangeiros, com alternância de estilos e influências de época. A aproximação de linguagens de períodos distintos, assim como temas capazes de despertar a curiosidade, transmitir conhecimento e proporcionar agradáveis experiências, estão disponíveis gratuitamente durante todo o ano na Sala Manoel da Costa Athaíde, no Anexo I, espaço destinado a exposições temporárias. Por ele já passaram pessoas de todo o mundo.

Em meados dos anos 80, não havia em Ouro Preto sala com a mesma qualidade e finalidade da Manoel da Costa Athaíde. Sua linha operacional obedecia a duas vertentes complementares: a realização de mostras de arte contemporânea e de acervos museológicos dos séculos XVIII, XIX e XX. A partir de trabalho qualificado, que revelou o alto critério das exposições apresentadas, a sala se tornou referência na região. O surgimento de espaços similares, em maior número nos últimos seis anos, terminou impondo novo desafio à Sala: a necessidade de se renovar, mais uma vez inovar.

Para mantê-la acima do patamar por ela mesma estabelecido, definiu-se, sua linha de ação intensificaria a exploração das mostras de acervos museológicos – valendo-se das peças recolhidas à Reserva Técnica, que não são expostas com tanta frequência – de coleções particulares e de acervos de outras instituições. Os resultados mais positivos vieram através de parceria e cooperação com os museus do IPHAN, que facilitaram o empréstimo de coleções de acervos. A nova orientação foi beneficiada por portaria do Departamento de Museus e Centros Culturais (DEMU), que isentou o seguro para empréstimos entre as instituições da casa.

É o ineditismo que norteia as atividades da Sala Manoel da Costa Athaíde, como explica a chefe da Seção de Difusão do Acervo e Promoção Cultural, Margareth Monteiro:

Sala Manoel da Costa Athaíde



SANTA CECÍLIA • FOTO ALDO ARAÚJO

“Se algum dia esse exemplo se frutificar na cidade, mudaremos de novo nossa linha de ação, pois a novidade é que é criativa. O Museu precisa continuar como agente de mudança social, como uma instituição ativa e difusora da cultura”.

O local é diferenciado não apenas pela riqueza e peculiaridade temática do acervo disponibilizado ao público. Visitas orientadas e oficinas pedagógicas realizadas simultaneamente com a mostra pelo Setor Educativo, também contribuem para pôr em destaque o espaço. A contribuição da Sala Manoel da Costa Athaíde ratifica seu prestígio junto à comunidade, artistas e formadores de opinião. Ela tem sido considerada uma das galerias mais respeitadas no Estado.

Exposições

Nas mostras apresentadas, fica claro, a arte não se limita ao tempo. O antigo e o novo convivem harmonicamente. E o caráter dinâmico do Museu da Inconfidência tem sido reforçado pelas exposições realizadas nos últimos anos, algumas destacadas a seguir.

O Tempo Não Pára

Dando seqüência à política de troca de coleções entre os museus, o Inconfidência trouxe a Ouro Preto um acervo de relógios do Museu Histórico Nacional, complemen-

tado por contribuição de coleção particular existente na cidade. O público teve a oportunidade de refletir sobre o significado da passagem do tempo por meio de testemunhos materiais da produção técnica, científica e tecnológica do homem. Mais de 50 peças foram expostas. Relógios de sol, de mesa, de ponto, de parede e de caixa-alta, originários do período que medeia os séculos XVIII e XX.

Uma Brisa no Ar

O leque chegou ao Brasil com Dom João VI. Nessa época, início do século XIX, o adereço era indispensável para as mulheres elegantes da Europa, constituindo instrumento que conferia status ornamental e favorecia a sedução. Com a colaboração do Museu Histórico Nacional, a sala de exposições temporárias do Inconfidência pôde apresentar um recorte da história do leque, com foco na sua trajetória em terras brasileiras. Foram exibidas 35 peças confeccionadas nos séculos XVIII e XIX na Ásia, Europa e América, que passaram pelas mãos de mulheres da elite brasileira dos últimos 200 anos.

Cecílias Santas e Anjos Músicos

Juntando imagens, objetos e gravuras de época que mostram a importância da música no período barroco, a exposição mais recente da Sala Manoel da Costa Athaíde apresenta a iconografia musical existente nas igrejas mineiras, mostrando como o contexto religioso de estilo fluía para as ruas e ganhava novas interpretações. É possível encontrar reproduções de tetos de igrejas com detalhes dos Anjos Músicos – destaque para os trabalhos de Manoel da Costa Athaíde –, algumas imagens da Santa Cecília e uma Santana Mestra dos séculos XVIII e XIX. Referência especial merecem dois trabalhos de Valentim Corrêa Paes, e os objetos da Irmandade de Santa Cecília de Vila Rica. As peças e as fotografias são provenientes de museus, igrejas e institutos culturais mineiros, do Museu Histórico Nacional e do próprio Museu da Inconfidência.

TATIANA TOLEDO
ASSESSORA DE COMUNICAÇÃO DO
MUSEU DA INCONFIDÊNCIA

A 22 de junho de 2008, foram entregues ao público, em Ouro Preto, o Horto Botânico e o Vale dos Contos, conjunto urbanístico restaurado através de ação que envolveu o Programa Monumenta, do IPHAN, e a Prefeitura Municipal. A obra, de portentosa envergadura e indiscutível significação, evidenciadas pela própria monumentalidade do espaço que recobre, representou excepcional reforço do momento positivo da cidade, que vem procurando, de forma determinada, recuperar o seu antigo vigor.

Contando 360 mil metros quadrados, o espaço corresponde à mancha verde que se estende do Terminal Rodoviário, à Rua Padre Rolim, até a Igreja do Pilar, no tradicionalmente chamado Fundo de Ouro Preto. Além da Ponte dos Contos, à direita de quem desce, acha-se exposto o que sempre se considerou um dos elementos mais charmosos do centro da cidade, a seqüência de fundos dos sobrados da Rua São José, com as construções de alvenaria, servidas ou não de janelas de guilhotinas, se

pretendiam aproveitar os fundos das casas para atividade comercial, como se fez no Pelourinho, em Salvador –, o projeto vitorioso optou pela construção de trilhas que serpenteiam ligando a entrada e a saída do grande conjunto. Esses caminhos vão deixando, ao longo de dois quilômetros, plataformas destinadas a descanso e contemplação do visitante, quadras para a prática de esportes ou desenvolvimento de atividades infantis, espaços para piqueniques, apresentação de concertos musicais, peças teatrais e desempenho de grupos folclóricos.

A função principal das trilhas é estabelecer o intercâmbio entre as pessoas e a natureza, com o propósito de ativar uma consciência que corresponda a mais profunda percepção dos recursos naturais e culturais das áreas visitadas. Em conseqüência, o essencial, daqui para frente, será a revitalização da parte botânica. Manter em bom estado a infra-estrutura de lazer, que visa constituir atrativo para o visitante de fora e um motivo a mais para que o mora-

Mancha Verde em Ouro Preto



encaixando harmoniosamente na paisagem. Trata-se de verdadeiro painel de contra-fachadas - elemento definidor do perfil urbano da região - que precisa passar por intervenção restauradora, a partir de agora, por ter sofrido, nas últimas décadas, deformações e acréscimos, conseqüência de vigorosa evolução comercial. A degradação progressiva por que passou o conjunto do Vale dos Contos, convertido em matagal atravessado por córrego que carrega o esgoto da vizinhança, deve ter levado desalento ao espírito das autoridades fiscalizadoras, que inexplicavelmente se mostraram tolerantes com o que ali acontecia.

Trilhas

Descartada proposta fantasiosa - que além de prever numerosas passarelas de conexão das laterais do parque,

dor da cidade descubra ali conveniente local de recreio e passatempo, é algo que não poderá ser descurado pela administração pública. Mas qualquer ação nesse sentido deverá estar articulada com os cuidados para continuar revigorando a parte plantada. A função mais nobre que se espera do parque, na sua totalidade, é a de se converter em pulmão para a melhoria das condições de vida no centro urbano, sem desmerecimento da contribuição do ponto de vista estético, que fatalmente admirará.

Três mil novas espécies foram plantadas, mas isso constitui apenas ponto de partida do incremento que precisará se estender para o futuro. A população pode e deve contribuir para que a campanha do plantio se torne realidade, desde que proceda sempre com a orientação dos órgãos responsáveis, dispostos a darem ajuda nesse

sentido. O Centro Mineiro de Conservação da Natureza de Viçosa, convidado a oferecer subsídios, já sinalizou que a conveniência está na procura das espécies originárias da mata atlântica e do serrado.

Horto

O Horto Botânico é a parte mais antiga do conjunto, tendo sido criado por carta régia de 1798 do governo português, que ordenou a fundação, na capitania, de “um Jardim Botânico destinado à cultura de plantas indígenas e exóticas e árvores de construção”. Terminou por ser inaugurado 27 anos mais tarde, já sob o reinado de Pedro I. Tudo indica que tivesse finalidade comercial: produzia anualmente seis a oito arrobas de chá, a mesma quantidade de cera de abelha, possuía plantação de amoreira e criação de bicho da seda.

Entrado em decadência progressiva, na década de 80 do século passado, a Fundação Roberto Marinho, articulando-se com as Empresas Eberle e várias instituições – o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, o Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico, a Universidade Federal de Ouro Preto, a Escola Técnica de Ouro Preto e o Instituto de Pesquisas Tecnológicas de São Paulo –, movimentou-se para levar à frente a obra de sua recuperação. Não deu certo, por razões até hoje inexplicáveis. Teve início a construção das trilhas, parte incorporada ao projeto atual.

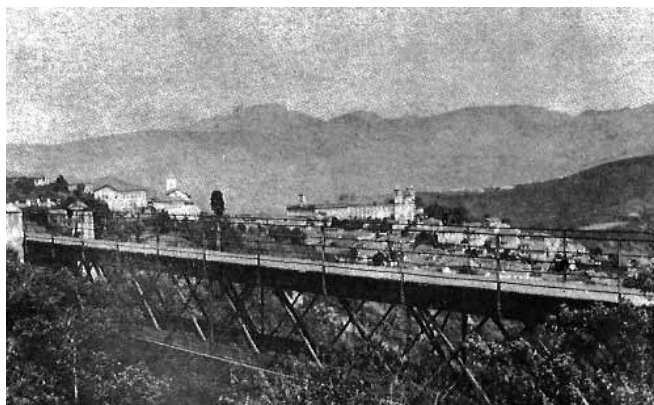
Vale dos Contos

Entregue com o tempo ao abandono, chegando a registrar extrema decadência, o complexo formado pelo Horto Botânico e o Vale dos Contos nunca deixou de produzir histórias. No Horto foi instalada uma pinguela, – mais tarde substituída por ponte de ferro –, ligação entre a área hoje ocupada pelo Terminal Rodoviário e a antiga Santa Casa de Misericórdia. Tomou o nome de Ponte do Xavier por ter sido usada por estudante da família Xavier Felicíssimo, para suicídio que chocou a cidade e acabou fazendo escola. Estranha a corrente dramática que, seguramente em conseqüência de determinantes psicológicas e sociais um tanto obscuras, dali para frente àquele evento daria continuidade. Estendida sobre prodigioso despenhadeiro, a passagem metálica foi demandada com freqüência por pessoas em estado de aflição, desencanto ou turbulência mental, que buscavam terminar com a existência. Noivas que não queriam aceitar a desventura de ver a promessa de casamento desfeita antes do comparecimento à igreja. Noivas envergonhadas por terem sido abandonadas

no altar. Esposas adúlteras desmoralizadas. Maridos traídos que não suportavam a pressão social sobre eles exercida. Criminosos publicamente revelados que não desejavam comparecer à barra do tribunal. Devedores insolventes. Comerciantes arruinados. Uma freguesia bastante numerosa, com enervante freqüência, fez uso das excepcionais condições daquele trampolim, que parecia ter sido construído a propósito para garantir bom salto sem retorno rumo ao desconhecido.

Correndo a versão de que aquela sina macabra resultava de na estrutura de travessia não haver sido entronizada, como de costume, a cruz sagrada de Cristo, as autoridades providenciaram a respeito. Confirmando a crença popular, por período não inferior a vinte e cinco anos foram interrompidos os acontecimentos funestos que mantinham em desagradável expectativa aqueles que possuíam filhos e filhas em idade de risco.

No Vale dos Contos, o córrego que agora ficou livre dos dejetos sanitários malcheirosos, em épocas mais favoráveis de água limpa e abundante que chegava até a despencar em mini-cachoeira, prestou-se para banhos



livres e descontraídos da juventude da vizinhança. Às suas margens existia o “campinho”, onde se praticavam disputas futebolísticas, até com campeonatos organizados pelos estudantes.

Mas o local foi também palco de desregramentos, afronta à lei e, mesmo, esconderijo de criminosos. Quando a Agência do Banco do Brasil, à Rua São José, há poucos anos sofreu um assalto de proporções cinematográficas promovido por marginais do Rio de Janeiro, com desdobramento de tiroteio trocado em plena rua, morte sobre o asfalto, fuga e perseguição motorizada, foi no Vale dos Contos que os ladrões conseguiram se esconder. É certo que alguns depois terminaram encarcerados. Outros fugiram. O comparsa natural da cidade, usado como informante, localizado mais tarde num distrito, terminou abatido a tiros, na operação policial.

Manifestações sobre a abertura do parque:

Dentre todas as melhorias realizadas na cidade de Ouro Preto, a abertura do Parque Horto dos Contos foi a que mais me agradou. Todos os dias vou do bairro São Cristóvão ao Pilar. Antes fazia esse trajeto de ônibus, agora prefiro caminhar pelo Parque. Além de ser excelente exercício físico, posso contemplar uma paisagem maravilhosa, com fauna e flora de extrema beleza.

MARIA DE FÁTIMA COELHO NETO
MASSOTERAPEUTA

Merece aplausos a retomada da idéia de recuperação do Horto dos Contos, assunto sobre o qual ouvia falar desde a década de 70. Fiquei feliz por a estrutura implantada manter relação com questões pedagógicas, com árvores e plantas identificadas, além de prever espaços para apresentações culturais, o lazer de crianças, adolescentes e adultos. É uma atração a mais para Ouro Preto, valorizando a preservação do meio ambiente, a cultura e também o turismo.

MÔNICA MACHADO
PEDAGOGA

O Parque Horto dos Contos foi obra que aguardamos uma vida para ver realizada. Nós, que nos aventuramos entre as ruínas e a mata do antigo Horto Botânico de Vila Rica quando crianças, motivados pelas belas e mágicas referências sobre a sua criação no século XVIII, agora podemos reviver mais um trecho de história da qual também somos protagonistas. Nos últimos quarenta anos, assistimos a vários anúncios de recuperação daquela vasta área verde cravada no centro da cidade. Lamentavelmente, tratava-se de projetos ambiciosos que não saíam das pranchetas dos técnicos e do discurso dos políticos. Agora, nestes tempos de preservação ambiental e busca de qualidade de vida, temos grande satisfação de ver o espaço recuperado e incorporado de forma natural à obra de arte que é Ouro Preto, renovando a vida, a cor e a beleza desse quadro que guardamos permanentemente na memória.

JOSÉ ARMANDO ANSALONI
PROFESSOR DA ESCOLA DE NUTRIÇÃO DA UFOP

Estive na inauguração do Parque e, depois disso, voltei ao local várias vezes. Vejo que a população está gostando, principalmente porque antes não se conhecia nada sobre a vegetação existente no Horto. Agora está organizado, com todas as indicações necessárias. Fazia falta uma área de lazer como essa, que também é boa opção para se fazer caminhada. Costumo indicar o lugar para pessoas de fora que visitam a cidade.

MARTHA VERSIANI DOS ANJOS
APOSENTADA

Achei importante a abertura do Parque, que valorizou as espécies vegetais. É uma excelente área de lazer para pessoas de mais idade e para as de pouco poder aquisitivo, pois o acesso é gratuito. Do ponto de vista educativo também foi muito bom. As escolas têm aproveitado bastante. Os espetáculos de teatro e de música lá realizados são bem interessantes.

MIRTHES VERSIANI DOS ANJOS
ENFERMEIRA APOSENTADA

A abertura do Horto dos Contos foi uma grande coisa para o centro de Ouro Preto. Sem necessidade de maior deslocamento, devido à sua localização central, as pessoas têm à disposição um lugar que as transporta para um ambiente mágico. Uma visita orientada permite ainda conhecer melhor os diversos tipos de árvores, a vegetação rasteira. Trata-se de uma farmácia viva! O local é agradável também para se parar e pensar, ou simplesmente não pensar. De lá é possível ver a cidade por ângulos que nem sabíamos existirem. Os cidadãos ouropretanos precisam se conscientizar, este é um espaço criado principalmente para eles, não só para quem vem de fora.

OSMAR ALVES OLIVEIRA JÚNIOR (KELÉ)
ENGENHEIRO DE MINAS E METALURGISTA

Ouro Preto, para quem a conhece, dispensa comentários quanto à sua beleza arquitetônica, histórica e artística. É um lugar que, dentro das propostas atuais de turismo, possui excelente contexto e espaço para manifestações culturais das mais diversas formas. A implantação do Parque Horto dos Contos, sem dúvida, foi um grande privilégio, não somente para moradores, mas também para aqueles que visitam a cidade. O Parque veio reforçar ainda mais o leque de opções, próprio de Ouro Preto, para o desenvolvimento de atividades que compreendam cultura, lazer, cidadania e meio ambiente saudável. Parabéns Ouro Preto por mais essa significativa e admirável ação!

MARIA ANGÉLICA AMORIM
SECRETÁRIA DA PROEX / UFOP

Toda cidade deveria ter um Parque como esse, um novo equipamento turístico da cidade. Sua vantagem é estar em um local central, proporcionando diversão gratuita para moradores e turistas. O Horto oferece também a oportunidade de nos manter em contato com a natureza. É como se fosse um oásis dentro da cidade.

PHILIPPE PASSOS
ADMINISTRADOR

Não sou da opinião de que preservação significa apenas conservação e não intervenção. O patrimônio histórico é antes de tudo um conjunto de monumentos vivenciados ao longo do tempo histórico e tem que se adaptar a ele e aos diversos modos de olhar que este tempo vai suscitando. Nesse sentido vejo a abertura do parque Horto dos Contos sobretudo como novo caminho para contemplar e fluir do patrimônio ouropretano. Foi uma intervenção que reavivou, que contribuiu para intensificar o leque das experiências estéticas que esta cidade mágica proporciona a quem resolve enfrentar os desafios propostos por seus sinuosos caminhos, agora acrescidos dessa nova senda.

JOSÉ LUIZ FURTADO
PROFESSOR DE FILOSOFIA DA UFOP

O horto botânico, além de possuir bons aspectos paisagísticos e arquitetônicos, possui ótimo caráter ambiental. No local podemos encontrar diversas formas de vida, tanto animal quanto vegetal, e também habitats diferentes, revelando a biodiversidade. Além de ser um belo jardim, o horto botânico tem outra função, a manutenção de reservatórios de genes da flora. A inauguração deste ambiente em nossa cidade nos proporciona lazer, um lindo ponto turístico, além de contribuir para a conservação de espécies.

GIORDANO FREITAS
ESTUDANTE DE BIOLOGIA

Sala Manoel da Costa Athaíde

Exposições temporárias

Visitação: de terça a domingo, das 12h às 18h

10 de outubro a 16 de novembro de 2008 “Gravuras”

A mostra apresentada na sala de exposições temporárias do Inconfidência reuniu 18 trabalhos de Clébio Maduro, feitos a partir da técnica da água-forte. As gravuras retratam as paisagens urbanas e naturais de Ouro Preto e Diamantina, além da Serra do Cipó, uma referência à Estrada Real.

As imagens foram criadas a partir do envolvimento do artista plástico com os Festivais de Inverno de Ouro Preto e Diamantina e propõem uma releitura “rembrandtiana” das cidades coloniais mineiras. Foi na obra do pintor e gravador holandês que a água-forte se consolidou como técnica de primeira grandeza entre as artes gráficas. Clébio Maduro é diretor da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais e professor de gravura há mais de três décadas.

Integrando a programação do Inconfidência para o Ano Ibero-Americano de Museus, Clébio Maduro ministrou, nos dias 29, 30 e 31 de outubro, oficina técnica intitulada “Exercício gráfico com as cores primárias”. As aulas, gratuitas, foram realizadas no Anexo III do Museu.

29 novembro de 2008 a 25 de janeiro de 2009 “Cecílias Santas e Anjos Músicos”

Pequeno recital e palestra ministrada pela organista Elisa Freixo abriram a exposição “Cecílias Santas e Anjos Músicos”, que trouxe para a Sala Manoel da Costa Athaíde a iconografia musical das igrejas de Minas Gerais. Na mostra, imagens de Santa Cecília, padroeira dos músicos, e fotografias de anjos acompanhados de instrumentos musicais presentes nos altares e forros das igrejas, convidavam-nos a pensar de que maneira sons e imagens foram usados para criar ambientes de reflexão sobre valores espirituais e mundanos em voga nos séculos XVIII e XIX.

Auditório, Anexo I Cinema Cultural

Está em fase de elaboração, pela Seção de Difusão do Acervo e Promoção Cultural, o projeto Cinema Cultural. A iniciativa propõe reunir público para apreciação de obras cinematográficas no Auditório do Anexo I do Inconfidência. O caráter democratizante e participativo é inerente às várias etapas da atividade, que inclui a realização de debates e mesas redondas. O objetivo é promover o desenvolvimento cada vez maior de Ouro Preto e dinamizar o espaço cultural do Museu, favorecendo o acesso à produção cinematográfica de qualidade para o aprimoramento do gosto do espectador. O projeto será encaminhado à Caixa Econômica Federal para solicitação de patrocínio.

Seminário de Música

Em 2008 o Museu da Inconfidência deu início à série *Seminários de Música*, que pretende reunir anualmente pesquisadores para discussão de dois temas desenvolvidos pelo Setor de Musicologia: a catalogação de acervos e o estudo da história da música em Minas. O evento contou com pesquisadores de instituições nacionais e estrangeiras que trouxeram contribuições para a compreensão do universo das bandas e sua importância na formação de músicos e instrumentistas fora dos grandes centros. As discussões passaram pela formação das organizações civis, a ligação delas com as militares, sua relação com a comunidade, a tradição familiar, o ensino e os regionalismos. A palestra de abertura foi seguida de duas sessões de apresentação oral e terminou com uma mesa redonda, esta reunindo representantes de instituições públicas que discutiram políticas de apoio às instituições.

O evento foi muito proveitoso. Principalmente por reunir pesquisadores de regiões geográficas e conhecimento distintos, o que levou ao entendimento das entidades musicais através de olhares diversos. O retorno da música à grade curricular do ensino fundamental e médio abre caminho também para a volta das bandas às escolas, o que significará mais demanda de conteúdos teóricos e implicará na formação de novos repertórios didáticos para a utilização delas.

Importante foi conhecer os programas da Funarte e da Secretaria de Cultura de Minas Gerais, que desenvolvem, cada uma em seu raio de ação, importante programa de apoio, com distribuição de instrumentos musicais, promoção de cursos de reciclagem e manutenção de cadastro atualizado das organizações em atividade. Esses órgãos receberam sugestões para que discutam, com mestres e músicos, a questão da identidade musical, cultural, social e educacional das bandas em seus devidos contextos. O auditório contava com pesquisadores e músicos das várias filarmônicas de Ouro Preto e cidades vizinhas, que fizeram reivindicações. Os pesquisadores não só concordaram com as demandas dos músicos como formularam questões mais abrangentes para solução dos problemas vividos na região. Os representantes governamentais levaram muitas questões para serem discutidas em suas reuniões de gabinete.

MARY ANGELA BIASON
SETOR DE MUSICOLOGIA - MUSEU DA INCONFIDÊNCIA



O DIRETOR DO MUSEU, COM O CONJUNTO DE ESPECIALISTAS

IBRAM

O presidente Lula acaba de sancionar o projeto de criação do Instituto Brasileiro de Museus – IBRAM, que terá a missão de promover o desenvolvimento de um universo de cerca de 2.400 entidades, distribuídas pelo país inteiro. A providência veio coroar os esforços de José Nascimento Filho que, a princípio dentro do Ministério da Cultura, depois como diretor do Departamento de Museus e Centros Culturais do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, veio preparando as bases da nova política a ser implantada, através do Sistema Nacional de Museus. O projeto é do maior arrojo e está fadado a alcançar completo êxito. Abençoado pelo ex-ministro Gilberto Gil, que o defendeu com ardor, contará com total cobertura do Palácio do Palácio do Planalto, que tomou a decisão corajosa de dar origem a uma nova repartição de vulto nacional por entender, pelo desenvolvimento é que dever ser enfrentada a crise que rola mundo afora.

Juca Ferreira

O Ministério da Cultura passou a novas mãos, mas deverá continuar com o mesmo grau de eficiência. O novo titular que foi, na função de secretário geral, o grande sustentáculo da gestão anterior, chegou com todas as bênçãos do seu ex-chefe, que desejando tivesse continuidade aquilo que plantou, defendeu com empenho a nomeação do substituto.

Motivo especial fez com que desenvolvêssemos profundo sentimento de gratidão com relação ao novo ministro. Quando Lula veio a Ouro Preto, no primeiro ano do seu governo, falou em solenidade na Praça Tiradentes. Juca Ferreira, que se encontrava ao lado do diretor do Museu, advertira: “Preste atenção no discurso”. Logo em seguida o presidente declarava o propósito de ajudar na obra de modernização do Inconfidência. Claro, Juca é que fizera tudo para que aquele empurrão decisivo fosse dado.

Rafael

Antes que 2008 chegasse ao fim, o Museu da Inconfidência teria a perda de um funcionário que, recente na casa, vinha sendo alvo da admiração de todos, não só pela sua competência. Pela maneira simples e afetuosa com que sabia conquistar amigos. A morte foi repentina, não anunciada. Chegou para massacrar um projeto de vida que era só esperança para o futuro. Rafael Godoy, profissional de comunicação especializado em jornalismo, no último número desse boletim publicou duas matérias de sua autoria: “A mulher no Museu da Inconfidência” e “Villa Rica por Arnaud Julien Pallière”.

Praça

Está sendo realizada, finalmente, a obra de levantamento do piso da Praça Tiradentes, há décadas aguardada pelos que de fato se interessam pela cidade. Será restringida a área de estacionamento, ordenado o trânsito, que será só de passagem, e a possibilidade de movimentação do pedestre ficará bastante ampliada. Foram concluídos os trabalhos na metade à frente do Museu de Ciência e Técnica. A Secretaria Municipal de Turismo já programou, para depois do Carnaval, a complementação referente à outra metade, junto ao Inconfidência. A Rua Vereador Antônio Pereira, na lateral da Casa de Câmara e Cadeia, não permitirá mais a circulação de veículos. Aos poucos Ouro Preto vai sendo ajustada urbanisticamente, o seu conjunto patrimonial ganha maior coerência e crescem as possibilidades de desfrute turístico.

Iluminação

O Museu da Inconfidência terá melhorada a sua apresentação externa, graças a projeto luminotécnico de autoria do Lighting Design Studio, do Rio de Janeiro, o mesmo escritório que se encarregou de trabalho semelhante executado na Igrejinha da Pampulha, em Belo Horizonte. Patrocinada pela Petrobras, com o apoio do PRONAC

do Ministério da Cultura, a obra vem concluir a revitalização do Museu, que reabriu as suas portas em agosto de 2006, mas tem tido desdobramento aperfeiçoadores, a partir de então.

Loja e Café

Previsto no projeto geral de modernização do Museu, o setor só agora está sendo implantado, porque dependia de decisão sobre a abertura de porta para o exterior, no salão conectado com o pátio interno da Casa de Câmara e Cadeia. O mobiliário da loja teria que ser redesenhado – como efetivamente aconteceu – caso fosse estabelecida, naquele ponto, saída de emergência para a evacuação do prédio, na eventualidade da ocorrência de um sinistro que envolvesse grande risco.

Assim que forem resolvidas as questões legais com a Receita Estadual, que controla a emissão de cupom fiscal, e a Prefeitura, que deverá emitir alvará para funcionamento, o público que nos visita terá mais um serviço colocado à sua disposição.

Atlas

O Monumenta/IPHAN, que vem fazendo reedições de obras fundamentais para o conhecimento do patrimônio cultural brasileiro, acaba de repor em circulação o Atlas dos Monumentos Históricos e Artísticos do Brasil, de Augusto Carlos da Silva Telles. Trata-se de trabalho de envergadura, indispensável para quem deseje conhecer o panorama dos cinco séculos da arquitetura mais genuína e criadora que a nação brasileira foi capaz de produzir. De conteúdo irretocável e apresentação luxuosa, enriquecido com plantas e desenhos que esquetejam didaticamente monumentos que merecem ser conhecidos em seus detalhes técnicos, o livro constitui, além do mais, um prodígio gráfico, principalmente devido ao profuso acervo fotográfico da mais alta qualidade que estampa. A primeira edição, saída em 1975, com o selo do antigo DAC, do então Ministério da Educação e Cultura, há muito se encontra fora do mercado.